

## OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS OFICINAS TERAPÊUTICAS DO CAPS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

LETÍCIA SILVA DA SILVA<sup>1</sup>; JULIA TEIXEIRA BANDEIRA<sup>2</sup>;

THAÍSE MENDES FARIAS<sup>3</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – leticia.silva.04@outlook.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – juliateixeira857@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – thaise.farias@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho origina-se a partir da experiência das acadêmicas do 3º semestre do curso de graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) localizado no bairro Porto, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O local foi escolhido pelas estudantes, por meio de busca ativa, para que nele fossem realizadas as observações relativas ao componente curricular Estágio Básico I, de caráter obrigatório, o qual tem como propósito geral introduzir e aprofundar os estudos das "práticas profissionais relacionadas à atuação do psicólogo na área social e comunitária" (UFPEL, 2013, P. 6).

A escolha do CAPS como local de realização do estágio básico se deu a partir do entendimento de sua importância no atendimento em saúde mental no Brasil. Acerca disso, desde a lei 10.216/2001, é regulamentado que pessoas com transtornos mentais graves devem ser atendidas em serviços de atendimento humanizado e livre de características asilares ou manicomiais (BRASIL, 2004). Dessa forma, os Centros de Atenção Psicossocial surgem como uma medida substitutiva para os modelos anteriormente utilizados, cujas condutas eram pautadas em métodos de tratamento degradantes e na privação da liberdade dos pacientes.

Para fins de contextualização, ao pensar sobre o modelo manicomial, o qual precedeu a reforma psiquiátrica<sup>1</sup>, é possível entender o processo de desintegração do paciente de sua comunidade - por meio da internação psiquiátrica - através da ideia de despersonalização do indivíduo, referenciada por Erving Goffman (1961/1974), que, ao analisar o contexto institucional de um manicômio, percebeu que o processo de institucionalização de um paciente psiquiátrico é tão prejudicial para sua integridade psíquica quanto uma prisão, pois na instituição em que estará, o sujeito será privado de suas relações sociais, rotina diária, e direito à sua própria singularidade. Já no modelo de cuidado psicossocial, no qual os CAPS estão embasados, considera-se o indivíduo no contexto de sua comunidade e além de seu transtorno psiquiátrico, uma vez que ele é atravessado por questões sociais, históricas e culturais, o que não pode ser, portanto, dissociado na avaliação terapêutica (SAMPAIO; GUIMARÃES; ABREU, 2010).

Dentre as diversas atividades observadas no CAPS Porto, como atendimentos individuais, acolhimento de novos usuários e encontros de grupo psicoterapêutico, surge um interesse especial pelas Oficinas Terapêuticas e seus

---

<sup>1</sup> Processo contínuo de deslocamento dos locais de cuidado em saúde mental para fora do hospital, de modo a reintegrar o indivíduo no meio social (Ministério da Saúde, 2004).

expressivos benefícios no tratamento e reabilitação dos usuários, tema sobre o que se discorre em formato de relato de experiência.

As Oficinas Terapêuticas consistem em diversas atividades realizadas em grupo conduzidas por um ou mais profissionais, as quais visam proporcionar um espaço de convivência, para livre manifestação de sentimentos e problemas, desenvolvimento de habilidades corporais, valorização das subjetividades, integração social e familiar, realização de atividades produtivas, bem como o exercício coletivo da cidadania (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004). Nesse sentido, as Oficinas podem ser do tipo geradoras de renda, de alfabetização ou expressivas; sendo desse último as observadas pelas estagiárias, constituindo-se, especificamente, Oficinas de Música e de Artesanato.

## **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

Este trabalho apresenta-se como um relato de experiência, uma vez que descreve e analisa as vivências das autoras no campo de atuação a ser pesquisado, a partir da ótica da intencionalidade de democratizar o acesso ao conhecimento e facilitar a divulgação científica através de observações empíricas (BUENO, 2010). Para além do intuito de favorecer a ampla disseminação do conhecimento científico, entende-se que esse está alinhado com experiências e aprendizados socioculturais (MUSSI; FLORES; ALMEIDA, 2021). Sendo assim, justifica-se a escolha do modelo do relato de experiência por compreender que registros escritos de observações podem apresentar-se como meio de expor um conhecimento empírico de forma sistemática (idem).

Para a elaboração da pesquisa, foram realizadas observações em três diferentes grupos referentes a duas Oficinas Terapêuticas do CAPS Porto, localizado na cidade de Pelotas (RS). Dois grupos relativos à Oficina de Música, e o terceiro à de Artesanato. Os integrantes dos grupos eram homens e mulheres com idades entre 18 e 74 anos.

A Oficina de Artesanato ocorria às quartas-feiras, das 14h às 15h30. Já os encontros de um dos grupos da Oficina de Música ocorriam às terças-feiras, das 9h30 às 11h30, enquanto os do outro grupo aconteciam às sextas-feiras, das 14h às 16h. No total, foram observados dois encontros da Oficina de Artesanato e cinco da Oficina de Música, entre os meses de julho e setembro do ano de 2024.

Faz-se importante ressaltar que, quanto à atuação das acadêmicas, esta se deu por meio de observação participante. Ou seja, as estagiárias não apenas assistiam às atividades sendo desenvolvidas, mas buscavam envolver-se ativamente, imergir na experiência, a fim de gerar familiaridade, não comprometendo a espontaneidade dos encontros, e aproximar-se da realidade dos usuários (QUEIROZ et al., 2007). Dessa forma, nas Oficinas de música, por exemplo, as acadêmicas somavam-se ao grupo cantando e tocando instrumentos, além de engajar-se em conversas informais com os participantes.

Após o término do dia de estágio, as observações eram conversadas em grupo, com o supervisor de estágio e entre os demais acadêmicos e registradas em um diário de campo, cujo objetivo era registrar as principais percepções sobre o grupo, visando facilitar a coleta de material para a elaboração desta pesquisa.

## **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como resultado de toda a realização do estágio de observação no CAPS Porto, salienta-se como principal percepção apontada e discutida no processo de

construção deste estudo, a contribuição das Oficinas Terapêuticas para a socialização, humanização e empoderamento, enquanto cidadãos, dos indivíduos em sofrimento psiquiátrico, haja vista a aflição experienciada, para além do transtorno, causada pelo preconceito, rejeição e marginalização social (FARIAS et al., 2019).

Ademais, ao realizar uma análise sobre a vivência do estágio básico, destaca-se como ponto positivo a aproximação proporcionada com esse tipo de instituição, de forma contextualizada historicamente, que torna evidente sua importância para o tratamento digno e de qualidade em saúde mental no país. Além disso, é enriquecedor para a formação acadêmica aplicar na prática o que foi aprendido em sala de aula, ainda mais pelas trocas significativas que se tem com aqueles já formados e experientes. A respeito disso, torna-se importante ressaltar que, durante todo o período de estágio, experimentou-se no CAPS Porto um ambiente agradável de relacionamento entre colegas profissionais e uma equipe receptiva, atenciosa e prestativa com as estagiárias.

Em contrapartida, destaca-se negativamente a falta de assistente social, professor de educação física e psiquiatra na equipe, embora a Portaria 336/02 do Ministério da Saúde estabeleça equipe mínima para atuação nos CAPS. Além disso, observou-se vários problemas relacionados à infraestrutura do local, como escada de pouca acessibilidade, goteiras e banheiro interditado. Percebe-se, ainda, como ponto negativo da experiência, o tempo curto de que se disponibiliza para realização do estágio, o que torna todo o processo muito corrido. Reconhece-se, então, que só foi possível uma maior imersão na experiência dada a disponibilidade de tempo e flexibilidade de horários das acadêmicas.

Por fim, as observações participantes possibilitaram entender o CAPS enquanto política pública tanto de suporte psicológico quanto de amparo social. Para concluir, o CAPS enquadra-se como um modelo de atendimento multidisciplinar e multifacetado, o qual deve contar com profissionais da saúde, das artes e da educação. Isso é de suma importância para a compreensão do indivíduo na sua totalidade, enquanto ser biopsicossocial, e para a ampliação do conceito de saúde, o qual não deve ser restringido à lógica individual nem como sinônimo de ausência de doenças (NUNES; GUIMARÃES; SAMPAIO, 2016). Portanto, para melhorar o atendimento à população, é necessário um olhar atento voltado para o serviço prestado nos CAPS, tanto por parte da opinião pública — visando a quebra de estigmas relacionados ao modelo manicomial e ao preconceito com usuários do serviço — quanto pelo Poder Público, através de maiores direcionamentos de verbas e, principalmente, do investimento em profissionais de áreas diversas, a fim de dar seguimento ao serviço, alinhado ao modelo psicossocial de cuidado.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, W.C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. esp, p. 1-12. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15nesp.p1

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Ministério da Saúde. (2002). **Portaria nº 336**, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336\\_19\\_02\\_2002.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html)

Ministério da Saúde. (2004). **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Disponível em: [http://www.ccs.saude.gov.br/saude\\_mental/pdf/sm\\_sus.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/sm_sus.pdf)

MUSSI, R. F de Freitas, FLORES, F. Fernandes, e ALMEIDA, C. Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, 17(48), 60-77. (2021). Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>

NUNES, J. M. S., GUIMARÃES, J. M. X., e SAMPAIO, J. J. C. A produção do cuidado em saúde mental: avanços e desafios à implantação do modelo de atenção psicossocial territorial. **Physis: Revista De Saúde Coletiva**, 26(4), 1213–1232. (2016). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312016000400008>

QUEIROZ, D. T., VALL, J., SOUZA, A. M. A., e VIEIRA, N. F. C. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área da Saúde. **Rev. enferm. UERJ**, 15(2), 276-283. (2007). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod\\_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf)

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). **Manual de regulamentação dos estágios básicos e específicos**. Curso de Psicologia. (2013). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/psicologia/files/2013/04/MANUAL-DE-EST%C3%81GIO.pdf>